



A APROPRIAÇÃO CAPITALISTA DA MAIS-VALIA

THE CAPITALIST APPROPRIATION OF THE VALUE

*ALMEIDA, Francisco Ádila Ferreira de*¹
*SILVA, Eduardo Bezerra de Menezes Macedo e*²

RESUMO

Entre os fundamentos necessários para a compreensão do *modus operandi* do mecanismo de produção de riqueza do sistema capitalista, a mais-valia é, talvez, a mais importante de todas as categorias elaboradas por Karl Marx. Neste artigo pretendemos mostrar como o fundador do materialismo histórico-dialético desvenda e aponta o desenvolvimento da mais-valia e a especificidade de sua apropriação através da evolução do capitalismo na sociedade. Lançaremos mão, também, da contribuição do filósofo húngaro Georg Lukács, que em sua obra resgata a ontologia marxiana e enriquece o debate acerca da mais-valia durante seu estudo da reprodução do capital.

Palavras-chave: Mais-Valia. Mais-Valia Absoluta. Mais-valia Relativa. Marx; Lukács.

ABSTRACT

Between the necessary fundamentals for understanding the *modus operandi* of the wealth production mechanism in capitalist system, surplus value is, perhaps, the most important of all categories elaborated by Karl Marx. In this article we intend to show how the founder of historical-dialectical materialism unveils and points out the development of surplus value and the specificity of its appropriation through the evolution of capitalism in society. We will also use the contribution of the hungarian philosopher Georg Lukács, in whose work rescues the marxian ontology and enriches the discussion about surplus value during his study of the capital reproduction.

Keywords: Surplus Value. Absolute. Relative. Marx. Lukács.

¹ Francisco Ádila Ferreira de Almeida é professor de filosofia das redes estadual e particular de ensino do Estado do Ceará. Mestre em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail: adilaceara@hotmail.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/1227984374614389>.

² Eduardo Bezerra de Menezes Macedo e Silva é graduado em tecnologia em mecatrônica pelo Instituto Federal do Ceará – IFCE, mestrando em educação pelo Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado do Ceará – PPGE / UECE. E-mail: eduardomacedobms@gmail.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/5300243150262689>.



Introdução

Pensemos em um determinado cidadão de “bem” (de acordo com o senso comum), amigo fiel, marido dedicado, pai carinhoso, benevolente com seu próximo, trabalhador prestimoso, mas acima de tudo um ser humano que deseja a felicidade de todos. Este cidadão, como todo cidadão de bem, sonha com uma desejada ascensão social, para com isso proporcionar uma vida mais confortável e justa para sua família. Assim, após muito ter poupado, conseguiu juntar uma quantia de dinheiro que lhe proporcionou a compra de uma máquina de produzir sandálias. Como complemento, trocou seu carro em uma pequena van, já bem desgastada, visando com ela fazer o transporte e a venda dos calçados que viriam a ser produzidos. Claro, também comprou insumos para a produção. Agora o cidadão de bem, homem honrado, irá trabalhar por conta própria³ e se tornar um microempresário. Para ajudá-lo nessa estrada, ele convida dois amigos de infância com quem nunca perdeu a afinidade e o contato: são acima de tudo “grandes amigos”. Os três grandes amigos agora trabalham juntos e como fruto de um trabalho bem organizado – os dois produzem as sandálias enquanto nosso cidadão de bem os vende na praia – após 30 dias já podem comemorar os números da empreitada: ao cabo de um mês, levando em conta o processo de produção, o transporte e a venda da mercadoria (já não só um valor de uso, mas acima de tudo um valor de troca) e todos os custos associados de manutenção das atividades houve um lucro⁴ de R\$ 10.000,00. *Nossa!* Logo no primeiro mês temos R\$ 10.000,00 reais de lucro! Agora resta saber como ficará a divisão deste montante. Aqui, vale lembrar que nosso cidadão de bem chamou dois grandes amigos para lhe ajudar e por ser

³ Sua labuta se transformará em trabalho de criação de valor para si.

⁴ Deixamos aqui de analisar o saldo, visto que a empresa só engatinha, ainda sem um caixa fixo.

“de bem”, ele irá repartir os dividendos. R\$ 3.000,00 para um amigo, R\$ 3.000,00 para outro e os R\$ 4.000,00 restantes ficarão para ele. Ótimo, temos uma “comunidade socialista”⁵! A riqueza foi socializada e todos estão felizes! Não é bem assim. Nosso cidadão de bem não entende economia e não é um socialista, ele é apenas benevolente e um grande amigo, porém, sabemos que tanto a amizade quanto a benevolência são ações individualistas que exigem um retorno, assim seu prazo de validade não é determinável. Voltemos ao caso: o cidadão de bem começa a refletir e chega à conclusão de que não está sendo um bom administrador, visto que não consegue ter uma vida de burguês com o valor ganho. Ele então procura uma escola de administração e lá, logo na primeira aula, descobriu que de fato é um péssimo administrador capitalista. Ele está “promovendo o socialismo” e não o capitalismo. Então é orientado, primeiramente, a reduzir os salários de seus funcionários (o termo amigo desaparece: “amigos, amigos; negócios à parte”). Nisto, ele resolve pagar apenas um salário mínimo⁶ para cada um dos dois funcionários, de modo que seu próprio salário salta de R\$ 4.000,00 para R\$ 8.000,00! É o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, ou melhor, do dinheiro e da apropriação da mais-valia.

De fato acabamos de descobrir que só há duas formas de se tornar burguês, a saber: por meio de herança ou por roubo, ou seja, se apropriar do produto do trabalho alheio. Sendo que no primeiro caso alguém já praticou a segunda forma preteritamente.

Essa é nossa tarefa agora, analisar e compreender a mais-valia. Assim nosso

⁵ No âmbito restrito da produção, neste caso, trata-se, no primeiro momento, de uma relação cooperativista.

⁶ Aqui chegamos no cap. 1 do Capital de Marx, onde o autor ao tratar da lei do valor, demonstra que o valor da força de trabalho dentro do capitalista equivale ao necessário para a manutenção e a perpetuação da vida operária.



trabalho está dividido da seguinte maneira:

No capítulo 1 trataremos da análise de Marx sobre a mais-valia, sua descoberta sobre a forma de apropriação e criação de excedente do trabalho. Trataremos de demonstrar as duas formas de mais-valia apresentada pelo grande autor. No capítulo 2 trataremos das contribuições ao problema da apropriação da mais-valia pelo capital, feitas por Georg Lukács.

A MAIS-VALIA

Chamo de mais-valia absoluta a produzida pelo prolongamento do dia de trabalho, e de mais-valia relativa à decorrente da contração do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na relação quantitativa entre ambas as partes componentes da jornada de trabalho. (MARX, 2014, p. 366)

A mais-valia é, sem dúvida alguma, a categoria mantedora do sistema capitalista, e essa descoberta foi uma das principais contribuições de Marx para a compreensão do assustador desenvolvimento das desigualdades sociais no seio do capitalismo, mesmo em uma sociedade que produz cada vez mais mercadorias e se enche cada vez mais de riquezas promovidas por meio dessas mercadorias. Sem mais-valia o capitalismo não existe; isso equivale a dizer que “sem exploração não há capitalismo”, visto que a exploração dos trabalhadores não tem como finalidade a produção de mercadorias e sim a produção de mais-valia⁷.

O surgimento do capitalismo representa a mais evoluída e completa etapa do desenvolvimento histórico da humanidade a partir do desenvolvimento material de todas as forças produtivas

⁷ Para uma análise mais pormenorizada sobre esse tema faz-se necessário o estudo dos conceitos: taxa de mais-valia, trabalho necessário e trabalho excedente. Ver nos capítulos 6 e 7 do livro primeiro do Capital de Karl Marx.

existentes, porém, não significa que essa etapa seja a mais plena e justa, pelo contrário, a exploração humana agora gera valor em forma de capital.

Nenhum capitalista monta seu negócio por amor à humanidade ou por amor às mercadorias⁸. Não duvidamos de suas boas intenções. Sabemos que em suas ações diárias ele vai à igreja rezar para alimentar seu bom espírito⁹, ele é filantropo e faz caridade, paga o dízimo e faz penitência... Tudo isso indica sua boa ação como ser humano e sua extraordinária existência como criação divina. Sem dúvida todo capitalista veio com uma missão nobre para a terra, porém, não é por essa missão que ele abre negócios! Todo capitalista abre negócios visando novos negócios e para isso ele precisa que seu santo dinheiro (lembrem-se que ele tem um missão na vida, provavelmente, dada por forças divinas) seja investido em mercadorias para, assim, proporcionar-lhe mais dinheiro. É a simples fórmula geral do capital: $D - M - D'$.

O capitalista, de uma forma ou de outra, conhece essa fórmula, sabe também que apenas dinheiro investido em mercadoria (falamos de todas as mercadorias incluindo a força de trabalho) não irá gerar D' se não ultrapassar o tempo de trabalho necessário¹⁰, pois o trabalho

⁸ Os defensores do sistema capitalista afirmam durante o capitalismo a humanidade conheceu suas maiores descobertas, tanto científicas como humanas. Segundo essa teoria o liberalismo econômico fez com que a competição promovesse uma enorme corrida na busca por inovação na produção e diversidade de mercadorias, atingindo áreas essenciais para a vida humana, a exemplo da área médica.

⁹ A relação entre capitalismo e religião não é apenas simbólica, mas sim material. Utilizamos no desvendar dessa relação a obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de Max Weber. Vide: WEBER, Max. **A Ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo; Companhia das Letras, 2004.

¹⁰ Chama-se “trabalho necessário” aquele em que o processo de produção cobre os gastos necessários com a compra de todas as mercadorias envolvidas na



necessário para produzir seus produtos só cobrirá os custos respectivos¹¹. Para que seu dinheiro lhe renda lucro ele deve passar a desenvolver o trabalho excedente¹². Marx já demonstrou isso. Para tal, nossos capitalistas passam a se preparar nas melhores escolas de administração – criadas por eles mesmos – e sabem que sem a mais-valia será impossível conquistar ‘D ou D, quem sabe D’.

Cabe agora ao proletariado – a mais importante das mercadorias existentes no mercado¹³ – compreender o sentido de mais-valia e enxergá-la não como um conceito e sim como uma categoria ontológica socialmente necessária para a manutenção do sistema capitalista.

Marx, através de seus intensos estudos, dividiu a mais-valia em duas partes, a saber: mais-valia absoluta e mais-valia relativa.

A mais valia-absoluta

O sonho de todo capitalista seria a extinção de qualquer lei que regulamente e controle o processo de trabalho. Para o proletário isso significa cada vez menos qualidade de vida, porém nossos capitalistas afirmam categoricamente que isto não se trata de algo ruim – e lembremo-

produção, inclusive a força de trabalho, ou seja, ele produz o equivalente ao seu valor.

¹¹ O capitalista sabe, mas o proletário não.

¹² Chama-se “trabalho excedente” aquele que extrapola o tempo equivalente ao gasto com a produção das mercadorias, ou seja, a parte da jornada em que os custos já estão pagos e que se configura como a corveia moderna, a parte de trabalho que gera a mais-valia absoluta, o trabalho não pago.

¹³ O proletário se torna mercadoria a partir do momento em que ele ingressa no mercado de compra e venda, vendendo a única coisa que possui, a saber, sua força de trabalho, músculos e nervos que são as únicas coisas que possui. Ao vender sua força de trabalho ele se torna a mais barata de todas as mercadorias, visto que o fruto de seu trabalho gera inúmeras outras mercadorias, porém nenhuma lhe pertence. Sobre essa questão ver: MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosófico**. São Paulo; Martin Claret, 2013.

nos que ele é produto de uma ação divina, sua compreensão de mundo deve ser igualmente divina – pelo contrário, eles professam que é de sua caridade que a humanidade evolui. Eles são os donos dos meios de produção e conseqüentemente dos produtos da produção em geral. Assim, são donos também da força de trabalho que compraram no mercado, ou seja, são donos do trabalhador durante o tempo em que é um trabalhador. Nada mais justo – afirmam nossos capitalistas – que utilizar essa mercadoria da forma que deseja.

O processo de trabalho é um processo que ocorre entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem. O produto desse processo pertence-lhe do mesmo modo que o processo de fermentação em sua adega. (MARX, 2014, p. 219)

A partir dessa lógica, que chamamos de lógica do capital, nosso capitalista acredita que o produto do trabalho não pertence a quem trabalha e sim a quem compra essa força de trabalho. Assim a mais-valia absoluta aparece como uma legítima prática de mercado. Nossos capitalistas explicam que não podem investir seu santo dinheiro apenas para a produção de valores de uso, ou de apenas se limitar a trabalho necessário, eles precisam que exista o trabalho excedente, é aqui que entra a mais-valia absoluta.

O processo de produzir valor simplesmente dura até o ponto em que o valor de força de trabalho pago pelo capital é substituído por um equivalente. Ultrapassando esse ponto, o processo de produzir valor torna-se processo de produzir mais-valia. (MARX, 2014, p. 228)

Podemos então dividir o período de trabalho em duas partes, a saber: a primeira parte consiste na que o trabalhador cria valor necessário à sua própria existência,



não importando se ele trabalha para si ou para um capitalista. Essa parte sempre dependerá de qual o valor necessário para a manutenção da sua existência e de sua perpetuação. Já a segunda parte trata do excedente de seu tempo de trabalho necessário, onde nada lhe pertence, visto que já recebeu de acordo com o trabalho necessário. É nesse momento que o encanto da magia capitalista acontece, ou melhor, o milagre da multiplicação dos pães e peixes¹⁴.

Mais valia-absoluta é o aumento da carga horária de trabalho onde o excedente de trabalho supere o trabalho necessário para produzir algo. Essa forma de mais-valia é altamente danosa à vida do proletário. Tanto física como psicologicamente todo trabalhador se degrada ao passo em que vive apenas para trabalhar. A luta proletária por redução da jornada de trabalho colocou a mais-valia absoluta em risco, entretanto, como o capitalista pensa rápido, ele protegeu sua criação como a mãe que não quer ver seu filho indo embora com a amada, ou que seja devorado ao nascer¹⁵; sua criação não deixaria o mundo sem um herdeiro, sem alguém que continuasse sua obra. Chega então a hora de analisar a mais-valia relativa.

A mais-valia relativa

Já vimos anteriormente que a mais-valia absoluta compreende o trabalho não pago manifestado através do excedente de trabalho, por meio do aumento na carga horária diária. Essa forma clássica de produção de mais-valia passou a ser fortemente questionada, visto o enorme tempo gasto em sua produção, o que

demandava cada vez mais trabalhadores¹⁶, de modo que o capitalista resolveu prolongar cada vez mais as jornadas buscando aumentar os lucros. Mas como dissemos anteriormente os capitalistas preparam-se cada vez mais para criar valor e lucrar com o trabalho de seus empregados. Promoveu-se, então, uma revolução nos meios de produção, como atesta Marx: “o que muda não é a duração da jornada de trabalho, mas seu modo de repartir-se em trabalho necessário e trabalho excedente”. (MARX, 2014, p. 364)

Se a mais-valia era adquirida como o trabalho excedente e a divisão entre este e o trabalho necessário estava se tornando cada vez maior, e isso provocava problemas de ordem social para o capitalista. Logo, ele concluiu que a forma de repartir o tempo deveria ser modificada; o tempo de trabalho necessário deveria diminuir sem que o trabalho excedente aumentasse em tempo cronológico. “O que fazer então?”, pergunta-se o capitalista. “Vamos revolucionar os meios de produção”, ele próprio responde!

Com os meios dados pode um sapateiro, por exemplo, fazer um par de botas em um dia de trabalho de 12 horas. Para fazer no mesmo tempo dois pares de botas, tem de duplicar-se a produtividade de seu trabalho, o que exige a alteração no instrumental ou no método de trabalho, ou em ambos ao mesmo tempo. (MARX, 2014, p. 365)

A divisão social do trabalho se acentuou nesse processo revolucionário; o sapateiro não precisa mais ser um sapateiro, ele precisa saber manusear a máquina que lhe ajudará a realizar a sua parte na produção. Ele agora é um “apertador de botão”. Pasmemos com isso, nosso

¹⁴ Tal milagre foi apresentado em nossa introdução.

¹⁵ Fazemos alusão à Teogonia de Hesíodo, onde segundo a mitologia, Cronos devorava os filhos temendo ter o mesmo destino de seu pai, Urano, que sofrera parricídio.

¹⁶ Aqui vale promover uma análise sobre a expectativa de vida de um operário europeu nos séculos XIX e XX.



sapateiro conseguiu se tornar mais miserável do que já era ao passo em que os meios de produção evoluíam e as forças produtivas cresciam vertiginosamente.

Com essa revolução, o instrumental de trabalho passou a modificar o método de trabalho, ele reduziu o tempo gasto com o trabalho necessário e com uma jogada de mestre também diminuiu a necessidade de mais trabalhadores, mesmo aumentando a produção. Isso tudo sem que fosse necessário aumentar a carga horária. Mais uma vez nossos angelicais capitalistas nos surpreenderam e demonstraram que, de fato, são enviados do divino.

Mais uma vez utilizaremos Marx para nos ajudar a compreender a importância, para o sistema capitalista, dessa revolução dos meios de produção, da mais-valia relativa:

O desenvolvimento da produtividade do trabalho na produção capitalista tem por objetivo reduzir a parte do dia de trabalho durante a qual o trabalhador tem de trabalhar para si mesmo, justamente para ampliar a outra parte durante a qual pode trabalhar gratuitamente para o capitalista. (MARX, 2014, p. 372)

Os lucros ficaram cada vez maiores e as máquinas cada vez mais ágeis e eficientes, o trabalho necessário diminuiu e o desemprego aumentou. É essa a fórmula mágica do aumento de capital de nossos burgueses. Marx nos demonstrou, de forma dialética e clara, como esse processo se desenvolveu de forma evolutiva a partir do desenvolvimento das forças produtivas materiais. Sua análise serviu para que outros grandes pensadores montassem suas análises posteriormente.

A APROPRIAÇÃO CAPITALISTA DA MAIS-VALIA

O capital não inventou o mais-trabalho. Onde quer que uma parte da sociedade detenha o monopólio dos

meios de produção, o trabalhador, livre ou não, tem de adicionar ao tempo de trabalho necessário à sua auto conservação um tempo de trabalho excedente a fim de produzir os meios de subsistência para o possuidor dos meios de produção [...]. No entanto, é evidente que em toda formação econômica da sociedade onde predomina não o valor de troca, mas o valor de uso do produto, o mais-trabalho é limitado por um círculo mais amplo ou mais estreito de necessidades, mas nenhum carecimento descomedido de mais-trabalho surge do próprio caráter da produção.” (MARX, 2013, p. 309).

Um dos maiores filósofos do século XX, o marxista húngaro Georg Lukács, em sua obra “Para a Ontologia do Ser Social” afirma que a apropriação da mais-valia pelo capitalismo é a *questão decisiva* deste modo de produção, pois determina como o mais trabalho é imposto na sociedade capitalista. Em períodos anteriores aos nossos piedosos industriais, na antiguidade escravista e durante o feudalismo medieval, a extração de mais-valia era garantida por meio da violência direta e explícita: escravos eram expostos e vendidos como mercadorias, famílias de servos eram dominadas por gerações sob a espada de senhorial, além do que, conforme a citação de Marx mais acima, o mais-trabalho estava limitado pelas demandas iminentes de suas respectivas sociedades. Entretanto, a partir do momento em que o capitalismo determina a condição de mercadoria à força de trabalho, em processos produtivos considerados “normais” o uso da força física sai de cena e “tudo que é importante à vida apenas pelas vias do intercâmbio de mercadorias pode ser adquirido.” (LUKÁCS, 2018, p. 273) É esta a questão central que aqui abordaremos.

Com base na ontologia inaugurada por Marx, Lukács reafirma o trabalho enquanto categoria fundante do ser social



da humanidade, de modo que é a partir dele que os homens reproduzem, materialmente, seu ser social. Porém, quando nos debruçamos sobre a linha evolutiva que representa os respectivos modos de produção que caracterizam a reprodução social dos seres humanos em diferentes épocas, concluímos que nem todos são capazes de reproduzir irrestritamente os seus próprios pressupostos de modo sempre ascendente – o que não ocorre com o capitalismo, conforme atestamos no capítulo 1, com a fórmula geral do capital. Sobre isto declara o filósofo húngaro:

Antiguidade e feudalismo têm [...] a possibilidade de chegar a uma determinada altura do desdobramento de suas possibilidades econômicas imanentes. A partir deste patamar, o aumento da riqueza volta-se contra as bases da própria formação, desintegrando-a, o movimento ascendente converte-se em um beco-sem-saída econômico-social. (LUKÁCS, 2018, p. 288).

Assim ocorreu, por exemplo, com o feudalismo na medida em que o aumento de riqueza dentro da sociedade europeia central teve como resultado o incremento das relações comerciais e o conseqüente reaparecimento da moeda, a qual trouxe consigo aquilo que, alguns séculos à frente, seria responsável pela sua própria ruína: a classe burguesa.

Importante salientar que enquanto na produção feudal predominava o valor de uso das mercadorias a riqueza da sociedade estava limitada por elementos naturais concretos, dados externamente a ela. Porém, a partir do momento em que predomina o valor de troca a riqueza passa a se concentrar no capital, não tardando para que surja o fator determinante à mudança do paradigma econômico, que é a conversão da força de trabalho em mercadoria. Foi essa a premissa que possibilitou a inauguração do processo

manufatureiro, cuja produção se embasa no trabalho assalariado.

Para Lukács, embora a manufatura não tenha promovido uma transformação efetiva no modo de produção, ela trouxe um desenvolvimento radical em sua divisão, convertendo-se na primeira forma de “capitalistização”¹⁷ do trabalho.

Agora, na medida em que a cada trabalhador é atribuída uma tal operação parcial como tarefa permanente e única, por um lado pode ser diminuída extraordinariamente a produção de todo o trabalho socialmente necessário, por outro lado, o trabalhador que na corporação era capaz de variadas tarefas torna-se um limitado virtuose reduzido a alguns, sempre repetidos, movimentos manuais. (LUKÁCS, 2018, p. 274).

Aqui Lukács trata do caráter duplo de apropriação-dominação que o capitalismo impõe ao trabalhador conforme passa a comprar sua força de trabalho: ao passo que a produção manufatureira consegue diminuir o tempo socialmente necessário para produzir uma mercadoria qualquer, aumentando, assim, o trabalho excedente, ou seja, a respectiva mais-valia, com a divisão da produção ela integra de maneira inexorável o produtor de riqueza à sociabilidade capitalista, pois dele é retirada a possibilidade de produzir fora de suas estruturas pré-estabelecidas. Por exemplo, os produtores de sandálias apresentados na introdução jamais poderão, sem o auxílio da máquina comprada pelo “grande amigo”, produzir um só par de calçados no mesmo padrão. Tal desnaturação da produção mostrou ser, desde sempre, condição sine qua non à obtenção do aumento de

¹⁷ Por definição, “capitalistização” é todo ato que tem como resultado a transformação de um processo qualquer em capitalista, ou seja, trata-se da apropriação de uma determinada atividade pela lógica do capital.



lucratividade dentro do capitalismo, uma vez que o trabalhador vendedor da sua força de trabalho estará disponível, integralmente, ao comprador durante toda a jornada contratada, independente do quanto ele produza no período pré-estabelecido.

Na verdade, ao operarem a máquina produtora de calçados os trabalhadores se restringem a carregá-la com matéria-prima, realizar alguns comandos e observar se ela desempenha sua função de modo esperado. Dessa forma, desde as pequenas atividades produtivas até a larga escala industrial, nos mecanismos produtivos em cujo resultado final reside apenas a contribuição parcial de cada trabalhador envolvido, a posição teleológica da produção, antes existente em cada mestre ou aprendiz de corporação que produzia “de fio a pavio” sua mercadoria, é transferida da esfera individual, singular – agora mutilada, fragmentada – para a esfera da supervisão. “O que os trabalhadores parciais perdem concentra-se diante deles no capital”. (MARX, 2013, p. 435)

Nestes termos, temos que é o descomedido interesse em produzir mais-valia que determina o evidente desenvolvimento científico-tecnológico sem precedentes na história humana no seio do capital. O ingresso da maquinaria na produção é, antes de tudo, uma tentativa de transpor a barreira orgânica imposta à produtividade pelo uso direto, puro e simples do organismo do trabalhador que manipula sua ferramenta de trabalho. Assim, temos que “o trabalho, organizado desantropomorficamente¹⁸, rompe radicalmente as barreiras psicofísicas que são dadas com a existência dos seres humanos como seres vivos concretamente determinados”. (LUKÁCS, 2018, p. 276) Surge, daí, o trabalhador “apertador de botão”.

¹⁸ ¹⁸ Para Lukács, o caráter desantropomórfico do processo de produção tem como marco a instituição da produção manufatureira, que retira a influência da subjetividade do indivíduo sobre o produto final. Seu desenvolvimento e intensificação se dá com o uso da maquinaria.

O “tornar-se social” sempre crescente do modo de produção capitalista tem como fator determinante o surgimento e a predominância da extração da mais-valia relativa em detrimento da absoluta¹⁹. Isto se torna possível somente a partir da inserção, em massa, da classe trabalhadora no consumo de mercadorias. “Sem trabalhador como consumidor capaz de comprar não é possível se realizar essa nova forma da universalidade da produção capitalista”. (LUKÁCS, 2018, p. 281) Dado que o uso da maquinaria possibilitou um aumento de produtividade sem precedentes, tornando viável a produção massiva de bens de consumo, foi necessário que se desenvolvesse um mercado consumidor que desse conta de absorver esse aumento de demanda. Afinal, o ciclo do capital só se encerra no consumo. Daí a necessidade de estender o “santo manto” da produção capitalista por sobre a classe proletária.

A transição para o predomínio da mais-valia relativa por sobre a absoluta torna, portanto, sempre mais intenso o interesse vital dos próprios capitalistas e, com isso, a passagem do capitalismo a um modo de produção mais elevado, *puramente social*, e a apropriação da mais-valia em uma necessidade econômica espontânea, legal. [...] Apenas o domínio da mais-valia relativa faz, segundo Marx, da subsunção formal uma subsunção real do trabalho sob o capital. (LUKÁCS, 2018, p. 282, grifos nossos).

No excerto acima, a menção de Lukács a um “modo de produção mais elevado” pode causar estranheza e, até mesmo, em uma leitura descontextualizada levar à conclusão equivocada de que se trata do enunciado de uma forma produtiva

¹⁹ Sobre a conceituação de tais categorias ver capítulo 1 desse artigo.



nova²⁰, um “pós capitalismo”, argumento que inclusive muitos autores pós-modernos não marxistas utilizam em suas tentativas de proclamar uma superação do marxismo. Entretanto, o termo foi utilizado pelo próprio Marx no capítulo VI, inédito de *O capital*, para tão somente fazer a diferenciação entre as duas categorias de mais-valia²¹, sendo a absoluta ainda uma relação coercitiva, o que a aproxima da extração de sobretrabalho presente em modos de produção anteriores, ao passo que a relativa apresenta a especificidade de não se basear no uso da força, na extenuação por excesso de horas trabalhadas, mas sim “em relações pessoais de dominação e dependência”. (MARX, 1978, p. 53)

Essencial aqui ressaltar o caráter ontológico das relações econômicas e sua diferenciação entre essência e fenômeno no âmbito do capitalismo. De acordo com a ontologia marxiana, o desenvolvimento das forças produtivas da humanidade seria resultado do desenvolvimento das capacidades e potencialidades humanas no curso da história, entretanto, sob as relações produtivas capitalistas temos que o tornar-se social de tais relações leva, cada vez mais, à alienação da classe trabalhadora. Ou seja, o que está dado no fenômeno da

sociabilidade capitalista não representa o caráter ontológico essencial do desenvolvimento do ser social da humanidade a partir do trabalho, conforme já apontamos no início do capítulo primeiro. A inserção das massas na esfera do consumo de bens e serviços do capital traz em seu bojo a efetivação da sua manipulação pela classe burguesa, cujo resultado é manifesto na oposição entre essência e forma fenomênica. Entretanto este é um tema complexo o suficiente e digno de uma publicação específica.

Por fim, voltemos ao nosso “capitalista filantropo” do início do texto: no momento em que ele tem sua “segunda revelação” (obviamente, estimulada pela visão que adquiriu no curso de administração de empresas) e resolve se apropriar daquele montante que superficialmente se mostra como um simples saldo positivo entre receitas e despesas, ou seja, lucro, ele não faz outra coisa senão se apossar do resultado do sobretrabalho dos seus dois antigos companheiros. Estes, caso tivessem participado de um pequeno curso sobre *O Capital* de Marx ao mesmo tempo em que seu amigo empreendedor frequentava a escola de administração, teriam inferido facilmente que os R\$ 2.000,00 reduzidos do salário de cada um ao final do segundo mês – considerando que os números do mês anterior haviam se repetido e nenhum novo investimento fora realizado – só podiam se originar na apropriação capitalista da mais-valia.

CONCLUSÃO

Há mais de três séculos, ou seja, a partir da segunda metade do século XVIII, o capitalismo se consolidou como o sistema econômico dominante no mundo ocidental – e em grande parte do mundo oriental – e desde seus primeiros momentos já apresentava suas principais características: culto à propriedade privada, consumismo, desperdício, egoísmo individualista, competição, escravidão voluntária (trabalho

²⁰ “Essa transformação qualitativa [a passagem a um modo de produção mais elevado], obviamente, não é nenhuma modificação da própria formação, por mais importante que deva ser no interior da formação.” (LUKÁCS, 2018, p. 282, grifos nossos)

²¹ “O processo de trabalho converte-se em instrumento do processo de valorização, do processo de autovalorização do capital – da fabricação de mais-valia. O processo de trabalho é subsumido ao capital (é seu próprio processo), e o capitalista se enquadra nele como dirigente, condutor; para este, é ao mesmo tempo, de imediato, um processo de exploração de trabalho alheio. É isso a que denomino *subsunção formal do trabalho ao capital*. É a forma geral de todo processo capitalista de produção; mas é ao mesmo tempo uma forma particular, a par do *modo de produção especificamente capitalista*, desenvolvido, já que a última [relativa] inclui a primeira, mas a primeira [absoluta] não inclui necessariamente a segunda.” (MARX, 1978, p. 51) Ver também *subsunção formal e subsunção real do trabalho ao capital*.



assalariado). Mas nada é tão característico como a acumulação de capital por meio do roubo do trabalho alheio! E foi isso que buscamos apresentar em nosso texto.

Por mais que o capitalismo tenha se modificado, e que tenha disfarçado, ao longo dos séculos, a desleal relação entre as classes em seu seio, promovendo pequenos ganhos à classe proletária (inclusive dividindo-a de acordo com esses ganhos), sua lógica continua a mesma, a saber, a busca por acumular cada vez mais riqueza. Só uma classe pode realizar esse intento, essa classe é a classe burguesa. E só pode realizá-lo, muito embora detenha a propriedade dos meios de produção (fábricas, lojas, shoppings, fazendas), através do trabalho concreto realizado pelo trabalhador comum. Não há toque mágico neste sentido, apenas o trabalho pode fazer com que os meios de produção produzam riqueza e aumentem o capital dos burgueses. Neste sentido abordamos a grande contribuição dada por Marx para compreendermos o fenômeno da acumulação de capital: a análise da categoria mais-valia.

Durante nosso texto tratamos de apresentar a mais-valia em suas duas manifestações, a saber, a mais-valia absoluta e a mais-valia relativa. Se em sua forma primitiva a mais-valia elevava o tempo de trabalho a níveis insuportáveis, causando a diminuição da expectativa de vida dos operários, levando-os a exaustão e ao limite físico, sempre visando extrair o máximo de lucro com o trabalho produtivo, em sua forma mais sofisticada ela busca a mesma consecução dos objetivos almejados por sua irmã mais velha, porém, com métodos diferentes, ao invés de prolongar a carga horária e elevar o trabalho excedente, a mais-valia relativa diminui o trabalho necessário por meio do aperfeiçoamento das máquinas e do próprio trabalhador, diminuindo o trabalho necessário e, automaticamente, aumentando o trabalho excedente.

Por todas essas realizações – em

especial a utilização da mais-valia – é certo afirmar que a lógica do capital é extremamente racional. Como disse Lukács, o capitalismo é um sistema que consegue, por meio de seu desenvolvimento, garantir sua imanência, algo que os demais sistemas historicamente existentes não conseguiram fazer. Acreditamos que essa garantia da própria imanência das relações capitalistas se dá por conta de sua transcendência, mais uma vez a lógica racional do capitalismo. Para superar essa lógica é necessário uma contraposição dialética igualmente racional – reside aqui a importância de continuarmos estudando e aplicando a obra marxiana. Muitos dos conceitos e categorias apresentados por Marx – em especial no Capital – continuam a existir, alguns em maior, outros em menor grau, porém continuam a permear toda a sociedade ocidental.

Não podemos esquecer o caráter revolucionário do proletariado e da sua sangrenta história de lutas. A descoberta da mais-valia em suas formas evolutivas, bem como a base teórica do materialismo histórico-dialético, nos dá munção para que continuemos resistindo na prática em lutas que, embora duras e desleais, mostram-se absolutamente necessárias à busca da emancipação do gênero humano. O capitalismo pode utilizar uma lógica racional, porém, ele está sempre se apresentando sem disfarces, desnudado de modo auto denunciativo em seu racionalismo irracional, coisa que, a partir de uma leitura franca e compromissada com a descoberta do que ele é de fato pode – e deve – levar o proletariado à conscientização da sua posição ontológica.

REFERÊNCIAS

BORON, Atílio. **O socialismo no século XIX: Há vida após o neoliberalismo?** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social.** Maceió: Coletivo Veredas, 2018.



MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**, 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O capital: crítica da economia política**, v. 1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1996.

_____. **O capital: crítica da economia política**, v. 2. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1996.

_____. **O capital: livro 1**, 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **O capital: livro I, capítulo VI** (inédito). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **A revolução antes da revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Luta de classes na Alemanha**. São Paulo: Boitempo, 2015.